

**OS POEMAS E OS ALUNOS: um estudo do gênero em ambiente escolar**Adriana Regina MOREIRA<sup>1</sup>Fernanda Valim Côrtes MIGUEL<sup>2</sup>**RESUMO**

O propósito deste artigo é o de apresentar um estudo de conclusão de curso realizado a partir da convivência com um grupo de estudantes do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Diamantina/MG e que teve como objetivo principal a observação e a descrição problematizada das práticas escolares de leitura e de escrita de poemas variados por esta turma específica. Buscamos verificar o modo como o gênero foi apresentado e trabalhado em sala de aula, o que envolveu atividades de leitura interpretativa, escrita e (re)produção de poemas a partir de um tema sugerido, além da observação de como o livro didático utilizado tratava do assunto. Também procuramos percorrer os possíveis espaços de circulação e de acesso a este gênero artístico-literário pelos alunos a partir de informações obtidas através de um questionário que apontou para os usos, funções e práticas do gênero mobilizadas pelo grupo.

**Palavras chave:** Poema. Gênero. Ensino.

**1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho originou-se a partir de um evento cultural ocorrido em 2009 em uma escola estadual de Diamantina/MG, na qual, posteriormente, optamos por realizar uma pesquisa investigativa no campo interdisciplinar entre as práticas literárias, de ensino e estudos da linguagem. Neste evento, as produções poéticas de alunos dessa instituição ficavam expostas à comunidade escolar e extraescolar em varais denominados “Varais de Poesia”. A visita nos motivou a um questionamento inicial: Como os alunos desta escola produziram estes poemas? Essa primeira indagação originou diversas mais, tais como: será que eles gostam de ler e de escrever poemas? Onde aprenderam as características estruturantes deste gênero, exclusivamente na escola? Onde têm/tiveram acesso a poemas? Será que apenas reproduziam estruturas

<sup>1</sup> Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Atualmente é aluna do penúltimo período do curso de Letras/Português/Espanhol, também da UFMG. E-mail: drdiamantina@hotmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora. Professora Assistente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), é Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas e, atualmente, está cursando o Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.

aprendidas ou atribuíaam alguma função ao gênero? A partir dessa motivação inicial, selecionamos uma turma do 9º ano do ensino fundamental, por acreditar que, por estarem, já teriam possivelmente algum conhecimento sobre o gênero em questão.

Para o desenvolvimento da pesquisa assistimos e gravamos em áudio uma sequência de aulas cujo tema abordado envolvia o estudo de poemas. Posteriormente, passamos um questionário e recolhemos uma atividade realizada pelos discentes, além de realizarmos uma entrevista com a docente responsável. Foram esses os documentos que integraram nosso *corpus* de pesquisa, coletado durante o terceiro bimestre do ano de 2010.

A proposta deste artigo é trazer parte dos resultados da pesquisa, especificamente aqueles relacionados aos questionários respondidos pelos alunos, além de parte da entrevista cedida pela professora da escola. Em outro momento exploraremos as respostas obtidas na atividade recolhida e as produções poéticas.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento e embasamento crítico de nossa pesquisa estudamos diversos teóricos, especialmente Mikhail Bakhtin (2003), Luís Antônio Marcuschi (2001), Bernard Schneuwly (2004), dentre outros que consideramos relevantes para a fundamentação de nossas reflexões sobre os gêneros discursivos.

Levando-se em consideração que nossa pesquisa focalizou o estudo do gênero poema em contato com discentes do ensino fundamental, julgamos necessário, de início, conceituar este termo para que fique claro o porquê de sua escolha como recorte teórico para o nosso trabalho.

Para Marcuschi (2001), o gênero pode ser conceituado como:

formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas. Sua definição não é linguística, mas de natureza sociocomunicativa, com parâmetros essencialmente pragmáticos e discursivos. Poder-se-ia dizer que os gêneros são propriedades emergentes inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para a produção textual em condições sócio-comunicativas concretas (MARCUSCHI, 2001, p. 43).

Dessa forma, podemos depreender que este teórico defende a ideia de que o gênero é uma forma textual estabilizada, por não ser mutável a todo momento. Advém

da comunicação social pela qual as pessoas de uma determinada cultura podem se entender e se fazerem entendidas. Durante a produção gráfica, seguindo este conceito, o gênero seria um “modelo” de como fazer determinado texto. Sua função, bem como forma estética e conceitual, estaria ligada a um conceito social previamente determinado em contexto de uso específico. Contudo, podemos pensar: os gêneros aparecem apenas em textos escritos ou podem se manifestar também em outras situações comunicacionais? Acreditamos que este conceito possa ser ampliado, levando em consideração outros fatores linguísticos.

Schneuwly (2004) faz a seguinte afirmação, a partir do pensamento de Marx e Engels:

o gênero é um instrumento. [...] “A apropriação não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacitantes nos próprios indivíduos” (MARX; ENGELS, 1969 Apud SCHNEUWLY, 2004, p. 23).

Assim sendo, o gênero seria algo que as pessoas aprenderiam, mediante seu desenvolvimento intelectual, e colocariam em prática no momento em que achassem necessário. Consideraríamos os indivíduos capacitados ou não a manejar tal gênero de acordo com algum contato prévio com o mesmo e com o nível de seu aprendizado. Dessa forma, o gênero poderia ser considerado um instrumento da possibilidade de comunicação, desde que fossem levadas em conta as variantes sociais em que eles foram produzidos, utilizados e modificados. Consideraríamos que o contexto de produção, por esse viés, interferiria na forma como determinado sujeito utilizaria um gênero.

De um jeito amplificador, Bakhtin (2003, p. 262) defende que os gêneros discursivos podem ser considerados “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Eles não se modificam facilmente, contudo também não são estanques: aparecem novos gêneros, alguns se mesclam e outros deixam de ser utilizados. Toda comunicação humana dependeria das categorias de gênero: escrito, oral, visual, podendo ser primários ou secundários<sup>3</sup>. Assim, o contexto de produção de um gênero faz parte da construção

---

<sup>3</sup> Bakhtin acredita que existem dois tipos de gêneros discursivos: os primários (simples, que se formam nas condições da comunicação imediata, logo possuem vínculo imediato com a realidade) e os secundários (complexos, como os romances, dramas, pesquisas científicas, dentre outros que surgem em condições de convívio cultural mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado, predominantemente

dele, uma vez que resulta da interação entre os indivíduos que vivem em sociedade.

Para Bakhtin (2003), todas as esferas da atividade humana estão ligadas ao uso da linguagem, e como a leitura e a escrita de poemas são um gênero dentro do campo literário, também utilizam a linguagem. O emprego da língua se dá em forma de enunciados que podem ser orais e escritos, concretos e únicos. Dessa forma, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação, que, em nossa pesquisa, se trata do campo escolar que se apropria de algumas práticas literárias, dentre outras, com a pretensão de ensiná-las e mobilizá-las (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Diante de todas essas explanações e considerando o gênero como um instrumento aprendido em sociedade e por ela entendido, estável, mas passível de modificações e sujeito a inovações, nos detivemos a estudar o gênero poema e sua relação com os seus aprendizes no ambiente escolar. Essa escolha é justificada uma vez que os poemas aparecem em diversos meios de comunicação – livros, internet, jornais, revistas, provas do governo etc. – e que podem ser largamente transformados, segundo a criatividade e a vontade do escritor/compositor, bem como acompanhando as mudanças tecnológicas, sociais, e outras mais.

### **3 DESCOBERTAS E APONTAMENTOS**

A primeira descoberta que fizemos durante a pesquisa foi a de que os termos “poema” e “poesia” carregam distinções conceituais que estão muito além daquilo que conhecíamos. Descobrimos, a partir daí, que poesia poderia ser considerada uma denominação genérica que se dá ao gênero lírico, designando também a produção poética (SORRENTI, 2007, p. 58); já o poema, seria “uma composição poética em verso” (SORRENTI, 2007, p. 59). Assim, nem sempre um texto escrito, linha abaixo de linha, poderia ser considerado uma poesia e nem toda poesia somente poderia ser expressa por meio de um poema. A poesia poderia estar presente em outras obras artísticas, como em peça musicais, quadros, esculturas, fotografias, balés, ou seja, em diferentes criações artísticas (GOLDSTEIN, 2008, p. 64), já que “poesia é a qualidade

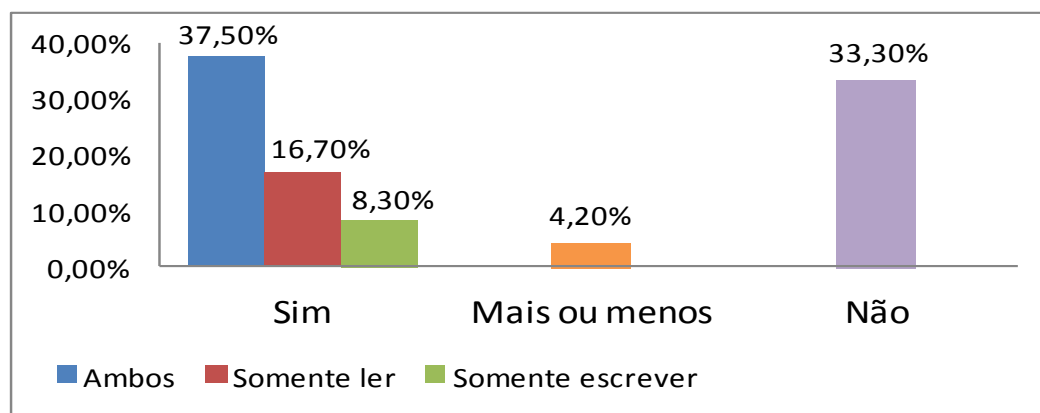
---

escrito), sendo que os secundários incorporam os primários, transformando-os. (BAKHTIN, 2003, p. 263).

de tudo o que toca o espírito provocando emoção e prazer estético” (MAIA, 2001, p. 2 apud SORRENTI, 2007, p. 59). Dessa forma, “enquanto a poesia é um elemento abstrato, o poema (combinação de palavras, versos, sons e ritmos...) é um elemento concreto” (SORRENTI, 2007, p. 59). Candido (1996, p. 13) complementa que “a poesia não se contém apenas nos chamados gêneros poéticos, mas pode estar autenticamente presente na prosa de ficção [...] [e] pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia”. Diante desta diferenciação inicial, nos detivemos a analisar ou buscar compreender os poemas produzidos pelos alunos, sem, no entanto, deixar de lado a poesia neles por vezes contida.

De forma a melhor compreender a relação da leitura e da escrita de poemas entre os 24 (vinte e quatro) discentes da turma, cuja faixa etária oscila entre 13 e 16 anos, optamos por elaborar um questionário contendo seis perguntas significativas. A primeira delas era a seguinte: “**Você gosta de ler e escrever poemas? Por que?**” As respostas que recebemos foram tabuladas formando o seguinte gráfico:

**Gráfico 1 – Gosta de ler e escrever poemas?**



Fonte: Dados da pesquisa, 2010.

Analisando estes dados iniciais, podemos perceber que a maior parte dos alunos (62,5%) disseram gostar de poemas, sendo que 37,5% desse total afirmaram gostar realmente de lê-los e de escrevê-los, enquanto 16,7% responderam gostar apenas de ler poemas e os outros 8,3%, somente gostar de escrever este gênero. 4,20% disseram gostar mais ou menos e 33,30% da turma, o que corresponde a 1/3 da classe, afirmaram não gostar de poemas. Quando perguntados sobre o porquê de gostarem ou não de ler e de escrever poemas, obtivemos diversas respostas, o que nos motivou a dividirmos nossa análise por parágrafos, na tentativa de organizar as considerações dos discentes ao longo

do texto. Cada um dos parágrafos, portanto, contém a justificativa de cada uma das respostas obtidas.

Neste parágrafo abordaremos as justificativas apresentadas pelos discentes que responderam afirmativamente à questão. Os alunos (2) que responderam que somente gostam de ler poemas justificaram que a leitura os incentiva bastante, contudo não explicitaram a que tipo de incentivo estariam se referindo. Um dos alunos não justificou e o outro afirmou apenas que gosta de ler, pois escrever não é o seu “forte”. Dos dois discentes que responderam gostar apenas de escrever, um deles justificou afirmando que gosta de escrever seus próprios poemas, pois é por meio deles que fala da realidade e das injustiças; e o outro aluno disse que tem dificuldade para ler tal gênero, por isso apenas os escreve. Dos discentes que afirmaram gostar tanto de ler quanto de escrever, quatro (4) relacionaram a escrita poética à sentimentalidade, sendo que o poema lhes serviria como desabafo<sup>4</sup>, como uma forma de falar de amor<sup>5</sup>, de expressar o que se sente quando se está triste<sup>6</sup> e sozinho. Um dos alunos afirmou o seguinte: “[...] quando eu leio ou escrevo e [é] como se eu viajasse [,] e [é] como se eu não fosse eu [,] [...] quando eu escrevo eu fico com uma paz tão boa que eu leio sempre”. Três discentes relacionaram a leitura e a escrita de poemas a questões de aprimoramento da linguagem que já possuem, aumentando o vocabulário e reforçando a leitura. Um aluno afirmou que gosta de ler, mas escrever apenas “às vezes”, não explicitando, entretanto, qual o motivo que lhe motivaria a escrever. Por fim, a última discente que respondeu positivamente a esta questão, disse que acredita que o “poema [é] uma coisa que está relacionada no nosso dia-a-dia”<sup>7</sup>.

A resposta da última entrevistada nos remete à fala de Paulo Freire, quando o autor discute a relação entre leitura de mundo e leitura do código verbal, apontando para uma relação mútua entre texto e contexto. Nas palavras do autor “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2008, p. 11).

Percebemos então que, tanto o aluno que afirmou escrever poemas para falar da realidade e das injustiças, quanto esta última, que acredita que ele é coisa do dia a dia, relacionam a leitura e a escrita deste gênero que ora pesquisamos a fatores de contexto de produção, ou seja, os poemas seriam o meio pelo qual as pessoas expressam o que

<sup>4</sup> Resposta de MJCJ “Sim, por que a gente desabafa escrevendo o poema”.

<sup>5</sup> Resposta de JCS “Sim. Porque fala de amor e entre outras coisas”.

<sup>6</sup> Resposta de JVS “Sim. Eu gosto de ler nos momentos em que estou sozinha e um pouco triste”.

<sup>7</sup> Resposta de HCAF.

está acontecendo na “vida real”. Esses dois alunos afirmaram que o poema é um gênero capaz de abarcar temas realísticos, contudo sabemos que não é o único. Os textos jornalísticos, uma entrevista, um texto digital, uma charge, textos em livros didáticos, dentre outros, são exemplos de gêneros que também são capazes de retratar a realidade, ou seja, partir do factual para se transformar em algum texto do modo como o autor e/ou veículo de comunicação desejem.

Um aluno afirmou, ainda nesse primeiro questionamento, que gosta “mais ou menos” de ler e escrever poemas porque não entende muito bem o gênero. Entretanto, ainda que ele tenha dito não compreendê-lo, foi percebido durante as aulas assistidas e a aula audiogravada - que também fez parte do *corpus* de nossa pesquisa - que a professora explicou várias vezes de que se tratava, falou sobre as características dos poemas, deu diversos exemplos, mandou-os realizar atividades de forma a refletirem sobre o conteúdo ensinado e, depois, compor eles próprios um poema.

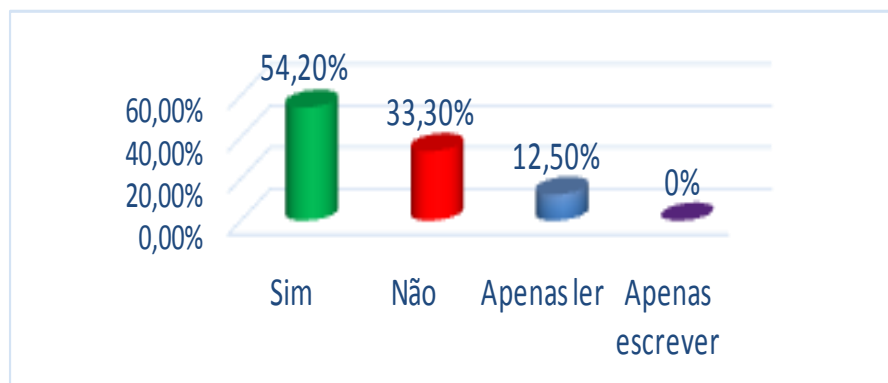
Os oito alunos que responderam negativamente à questão (que representam 33,3% do total), justificaram-se afirmando que tal gênero é muito cansativo, que não lhes interessa, que é enjoativo, que é chato, que não têm talento para tal escrita, que não têm paciência e que lhes falta criatividade e habilidade para manuseá-lo. Um deles<sup>8</sup> afirmou não gostar de ler nem de escrever poemas “porque não entendo nada quando eu leio e os meus poemas ficam péssimos”. Sorrenti (2007, p. 73) acredita que “a boa leitura de um poema em classe pode-se constituir como o primeiro passo para se criar o gosto pelo texto poético”. Analisando a gravação de uma aula cujo tema era poema percebemos que, após a professora dar os avisos iniciais e dizer aos alunos qual seria o tema daquele dia, bem como explicar o significado do termo “pátria”, entregou<sup>9</sup> aos discentes o poema “A Pátria”, de Olavo Bilac. Em seguida, o recitou em voz alta para que todos pudessem acompanhar a leitura, embora tenha parado no meio, já que alguns alunos estavam conversando muito alto, não prestando atenção e atrapalhando os colegas de ouvirem.

Na segunda questão: “**Costuma ler e escrever poemas? Com que frequência?**” os resultados obtidos foram os seguintes:

---

<sup>8</sup> Resposta de LSB.

<sup>9</sup> É importante frisar que, conforme relato da professora, o poema e as atividades relativas a ele, entregues aos alunos (bem como as provas bimestrais) foram impressos pela própria docente, com dinheiro retirado de seu pagamento mensal, uma vez que a escola não possui verba destinada a este fim disponível aos professores e que escrever tudo no quadro negro demandaria muito tempo por parte dos alunos que ainda os copiariam, prejudicando, assim, o ensino daquela disciplina.

**Gráfico 2 – Costuma ler e escrever poemas?**

Fonte: Dados da pesquisa, 2010.

Como podemos perceber neste gráfico, 54,2% dos discentes, o que corresponde a treze (13) dos vinte e quatro (24) alunos, costumam ler e escrever poemas. Oito discentes (33,3%) responderam negativamente à questão e 2,5% (3 alunos) afirmaram que costumam apenas ler poemas. Contudo, ninguém respondeu que costuma apenas escrevê-los, o que apontaria talvez para a hipótese de que sem o conhecimento prévio de seu conteúdo, estrutura formal e estilo composicional torna-se difícil a produção do gênero.

Com relação à frequência com que os alunos costumam ler e escrever poemas, os discentes que responderam afirmativamente à pergunta acima nos proporcionaram três variantes de respostas: “alta frequência”, “baixa frequência” e “alta frequência para leitura e baixa para escrita”. Sete (7) alunos responderam que, sempre que podem, leem, “quase todas as semanas<sup>10</sup>”, “2 vezes por semana<sup>11</sup>”, “por todo o mês<sup>12</sup>”, podendo-se considerar a “frequência alta”. Outros cinco (5) disseram que apenas leem e escrevem poemas às vezes, geralmente em atividades de sala de aula. Consideramos como baixa frequência. Um aluno<sup>13</sup> firmou que costuma ler poemas com certa frequência, que não foi explicitada, contudo, disse que escreve apenas às vezes, motivo pelo qual o enquadrámos na variante “alta frequência para leitura e baixa para escrita”.

Dos alunos que responderam negativamente à questão – “**Costuma ler e escrever poemas?**”, três (3) afirmaram que o fazem somente em sala de aula quando

<sup>10</sup> Resposta de IOC.

<sup>11</sup> Resposta de JCS.

<sup>12</sup> Resposta de MJCJ.

<sup>13</sup> Resposta de WOC.

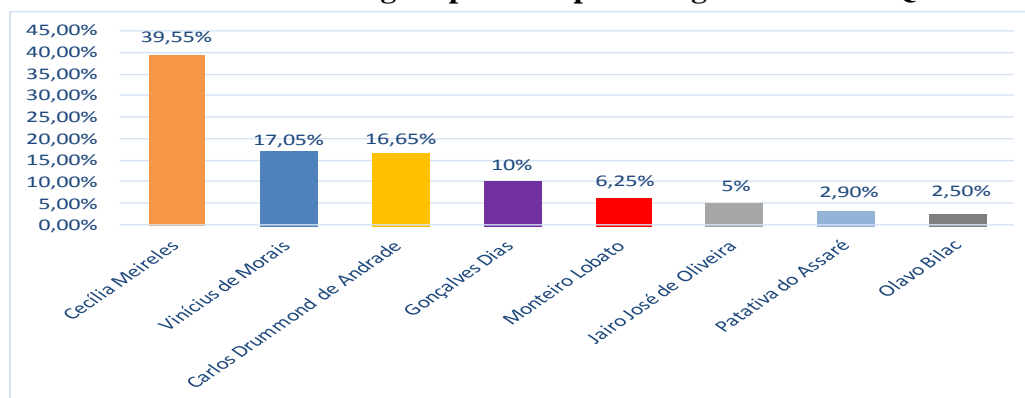


solicitados pela professora, ou seja, com baixa frequência, uma vez que durante o ano letivo, muitos outros gêneros devem ser trabalhados com os aprendizes. Os demais (5) não responderam à frequência por não terem o costume supracitado. Os três alunos, que somam os 12,5% explicitados no gráfico, que responderam “apenas ler”, não informaram com qual frequência realizam a leitura de poemas.

Diante dos dados apresentados foi possível constatar – não desprezando as possíveis limitações metodológicas do questionário elaborado – que apenas 29,16%, ou seja, sete (7) alunos parecem ter um contato maior com o gênero que ora estudamos. Destes, apenas cinco (5) afirmaram, na primeira pergunta do questionário, que gostam de ler e de escrever poemas. Um afirmou que gosta somente de ler e o outro somente de escrever. Dessa forma, pudemos perceber que um maior contato com o gênero pode ter permitido a explicitação positiva em relação ao seu gosto.

Como forma de descobrir quais os autores de poemas os alunos mais gostavam ou conheciam, fizemos a seguinte pergunta: “**Em caso afirmativo para a questão (2), conhece algum poeta ou possui algum favorito? Quais?**”. A resposta foi a seguinte: todos os dezesseis (16) alunos – os 13 que responderam sim à segunda pergunta e os 3 que afirmaram que apenas gostam de ler – responderam positivamente à questão. Entretanto, quatro discentes que haviam respondido à questão anterior negativamente, responderam a essa pergunta, demonstrando que, embora não possuam o costume de ler e escrever poemas, conhecem ou possuem algum escritor preferido. Contabilizando, ao final, a quantidade de pessoas que responderam a essa pergunta, somamos 20 discentes. A discriminação, bem como a porcentagem dos poetas e poetisas favoritos e ou conhecidos pelos alunos, podem ser vistas no gráfico a seguir:

**Gráfico 3 – Conhece algum poeta ou possui algum favorito? Quais?**



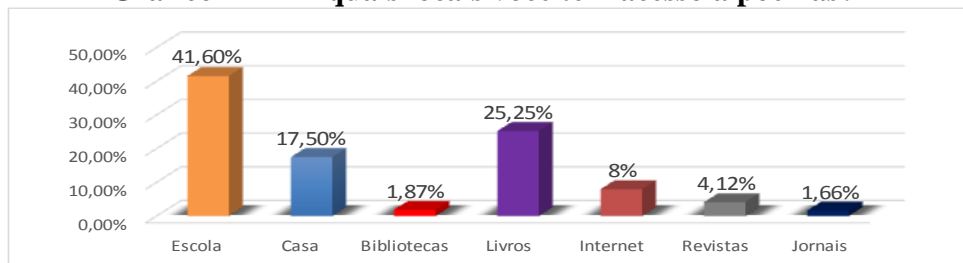
Fonte: Dados da pesquisa, 2010.

Há um pequeno equívoco por parte dos alunos ao citarem Monteiro Lobato como poeta e escritor de poesia, pois como é sabido, ele foi um escritor consagrado por outros tipos de produção literária. Além desta pequena confusão, continua a dúvida sobre o autor Jairo José de Oliveira, citado em vários questionários. Sabemos apenas não se tratar de nenhum poeta notoriamente (re)conhecido, nem mesmo da região dos Vales do Jequitinhonha ou da cidade de Diamantina. Perguntada sobre o assunto, a professora também confirmou desconhecer o nome citado pelos estudantes.

Analisamos o livro didático **Tudo é linguagem** (BORGATTO, 2010), adotado pela escola para o 9º ano e utilizado pela docente durante as aulas daquele ano letivo, para identificarmos se os autores destacados pelos sujeitos pesquisados constavam ali. Assim, pudemos perceber que apenas o autor Patativa do Assaré, citado pelos alunos, encontrava-se no livro didático. Perguntamos então à professora da classe se, durante as aulas de Língua Portuguesa, algum poema, de qualquer um desses escritores citados pelos discentes, havia sido trabalhado em sala. Ela afirmou que, além do livro didático, ela sempre leva atividades complementares ao conteúdo ensinado pelo livro. Ela, portanto, já havia trabalhado em sala de aula poemas de autores como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Mário Quintana, Ferreira Gular e Olavo Bilac.

Visando saber em quais locais e através de quais veículos de comunicação esses alunos tinham acesso ao gênero que estudamos nesta pesquisa e, conseqüentemente, descobrir onde eles conheceram os autores citados por eles na questão anterior, a pergunta número cinco<sup>14</sup> foi a seguinte: “**Em quais locais você tem acesso a poemas (em casa, na internet, na escola, jornais, revistas, livros...)?**” Respostas a seguir:

**Gráfico 4 – Em quais locais você tem acesso a poemas?**



Fonte: Dados da pesquisa, 2010.

Podemos depreender neste gráfico que a maioria dos alunos (41,6%) tem acesso

<sup>14</sup> Optamos por analisar a pergunta cinco antes da questão quatro por acreditarmos que se adequava melhor a esta parte do trabalho.

a poemas na escola e, geralmente, através de livros (20,25%). Já 17,5% têm acesso em casa e 1,87%, em bibliotecas. Outros 8% dos alunos leem poemas pela internet, 4,2% em revistas e 1,66% em jornais.

Fomos à biblioteca da escola visando saber quantos livros de poemas estavam disponíveis para os alunos. Contamos, ao todo, 78 livros deste gênero. Perguntamos à bibliotecária se os livros podiam ser levados para casa e ela nos respondeu que sim: faz parte de sua atividade anotar em seu caderno o nome do aluno e a data em que ele o retirou. Geralmente, não há muitos alunos que os pegam e, quando os levam, é porque algum(a) professor(a) mandou que lessem em casa. Indagamos então à professora da classe se ela, durante as aulas, levava os discentes para a biblioteca. Ela nos respondeu que dificilmente, uma vez que o espaço físico disponível para a biblioteca da escola era muito pequeno e, além disso, era um local onde os professores passavam filmes aos alunos. Desta forma, a docente levava para a sala de aula os livros literários que estavam separados por gênero em caixas, disponíveis na biblioteca. Perguntamos ainda se ela também levava para sala de aula revistas e jornais que contivessem poemas. A resposta foi a seguinte: “Sim, levava jornais que possuía em casa, mas a maioria deles não tinha poemas”.

Procuramos saber também se a escola dispunha de sala de informática<sup>15</sup> para que os alunos pudessem acessar à internet. A diretora nos disse que não havia computadores, uma vez que eles foram roubados. Os únicos que restaram ficam à disposição da secretaria para realizar o serviço administrativo. Desta forma, depreendemos que os alunos que responderam que têm acesso a poemas pela internet o fazem fora do ambiente escolar.

É possível apontar, diante da análise das respostas fornecidas pelos alunos, que o lugar em que mais oferece acesso a poemas é realmente a escola, durante as aulas de Língua Portuguesa, seja expressos em livros, didáticos ou não, seja em atividades trazidas pela professora. Os autores que eles mostraram conhecer ou elegeram como favoritos advém desse contato com as obras que circulam notoriamente naquele contexto. Contudo, o ambiente extraescolar, representado pela casa e pela internet, também propicia contato com o gênero, ainda que com menor expressividade. Isso deve

---

<sup>15</sup> Em 2010, quando realizamos a pesquisa, a escola não dispunha de sala de informática, contudo, ao retornarmos a ela no ano de 2012 pudemos perceber que novos computadores foram comprados (18) e foi montada a sala de informática, entretanto os professores ainda não estavam utilizando-a uma vez que para isso precisavam que a supervisora os ajudasse, e esta ainda não havia sido designada para a escola.

ser valorizado, assim como afirma Paulo Freire. Para ele, o professor deve absorver a bagagem que o aluno traz de fora da escola e modificá-la para possibilitar uma “leitura da leitura” e construir uma visão crítica e compreensão do mundo anterior.

A pergunta de número seis de nosso questionário foi “**Para você, para que serve um poema?**”. Eis as respostas:

**Tabela 1 – Para que serve um poema?**

Respostas	Porcentagem (%)
Expressar sentimentos	44,42 %
Aperfeiçoar a leitura, escrita (vocabulário)	10,41%
Para trazer alegria e felicidade para quem o lê	7,67%
Escrever rimas	5,58%
Mostrar coisas interessantes	5,58%
Para demonstrar diversas formas de pensamento	4,17%
Causar reflexão	4,17%
Para ajudar a ter imaginação	4,17%
Nada	4,17%
Forma de desabafo	2,09%
Forma de poesia	2,09%
Forma de nos tranquilizar	1,37%
Mostrar nossa criatividade	1,37%
Contar histórias	1,37%
Forma de retratar a realidade	1,37%

Fonte: Dados da pesquisa, 2010.

Foi possível coletarmos pelo menos quinze respostas diferentes para a pergunta elaborada. A maioria dos discentes respondeu que poemas servem para expressar sentimentos, sejam eles de alegria, tristeza ou maldade<sup>16</sup>. Nesta linha sentimental e introspectiva, Bloom (2001) acredita que os

poemas nos ajudam a conversar com nós mesmos, com mais clareza e intensidade, e, ao mesmo tempo, a escutar essa “conversa”. Através da poesia dirigimo-nos à nossa própria alteridade, àquilo que há de melhor, de mais profundo em nós (BLOOM, 2001, p. 21).

Nesse sentido, a leitura e a escrita de poemas seria uma forma de comunicação e diálogo com a nossa intimidade. Através deste gênero poderíamos expressar sentimentos, desejos e ainda nos conhecer melhor. Os alunos, dessa forma, expressariam seus sentimentos por meio de poemas. Um aluno<sup>17</sup> firmou: “Serve para falar em torno de algo e às vezes também serve como inspiração para nossa vida pessoal. E até mesmo o

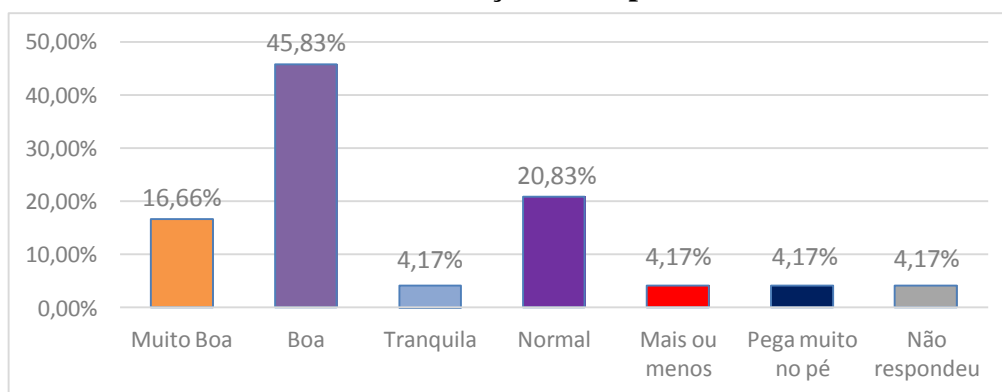
<sup>16</sup> Resposta de NFS: “Para expressar alguma alegria ou tristeza e uma versão má em versos”.

<sup>17</sup> Resposta de IOC.

autor usa o poema como forma de uma expressão de seus sentimentos”.

Perguntamos aos discentes, na questão 4: “**Como é a sua relação com o(s) professor(es) que ministram aulas cujo tema seja o gênero poema?**”. Veja as respostas obtidas:

**Gráfico 4 – Relação aluno professor**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2010.

Podemos perceber no gráfico que a maioria dos discentes parece ter uma boa relação com a professora que ministra aulas de poemas, representando 45,83% das respostas. Uma aluna<sup>18</sup> afirmou “Boa, pois ela sempre trás poemas interessantes pra sala.” A resposta que segue com 20,83% é a de que a relação entre eles e a professora é normal. A esse respeito um aluno<sup>19</sup> afirmou “Normal, ele [a] me ajuda e me ensina e eu me esforço para aprender”. A terceira resposta mais incidente, com 16,66%, foi que a relação era muito boa. Destacamos aqui a resposta de um discente<sup>20</sup> “Muito boa a convivência apesar de não gostar de poemas”. Com 4,17% temos as seguintes respostas: tranquila, mais ou menos, pega muito no pé e não respondeu.

Fizemos essa pergunta por acreditarmos que a relação professor-aluno possa interferir na construção do conhecimento uma vez que, se ambos não estiverem juntos para possibilitar o aprendizado, o professor passa a ser um mero transmissor e o aluno o receptor, apático e sem a possibilidade democrática de participação nas aulas: tudo o que o professor disser estará certo e não haverá momento para discussões e críticas. Dessa forma, concordamos com Silva e Santos (2002):

A relação entre professores e alunos deve ser uma relação dinâmica, como

<sup>18</sup> Resposta de CIR.

<sup>19</sup> Resposta de BOF.

<sup>20</sup> Resposta de WFP.

toda e qualquer relação entre seres humanos. Na sala de aula, os alunos não são pessoas para transformarem-se em coisas, em objetos, que o professor pode manipular, jogar de um lado para o outro. O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não se entende, como um fichário ou uma gaveta. O aluno é capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. O aluno é gente, é ser humano, assim como o professor. (SILVA; SANTOS, 2002, p. 33).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que expusemos foi possível constatar que o contato com o gênero poema por um grupo de alunos do 9º ano do ensino fundamental acontece, na maior parte dos casos, dentro da escola, por meio de livros e de atividades mobilizadas no espaço da sala de aula. Além disso, percebemos que nem todos demonstram aptidão ou gosto pelo gênero, apesar de conhecerem poetas famosos na tradição literária, provavelmente por já tê-los estudado na escola. Em relação à suposta “serventia” dos poemas, pudemos compreender que muitos dos alunos atribuem uma função precisa ao gênero artístico-literário poema, que passa pela reflexão sentimental de um estado de espírito, a princípio individual, além da manifestação crítica e social de temáticas relacionadas ao cotidiano e suas realidades, como pudemos ver nas produções poéticas dos alunos que, como dissemos, serão analisadas num trabalho posterior.

Acreditamos que o gosto ou não pela leitura e produção de poemas é uma construção social e individual e tem relação direta com o ensino e a aprendizagem deste gênero na escola ou fora dela e com as práticas vivenciadas pelos membros das comunidades. Para dizer se gostam ou não, primeiro é necessário conhecer o que são poemas, quais as suas características formais e estéticas e suas eventuais funções, se lhes atribuem algum significado pessoal, afetivo, estético etc., dentre outros valores possíveis. Percebemos, por meio da atividade distribuída pela professora, que todos os alunos da classe identificaram o gênero, embora alguns, como já foi dito anteriormente, tivessem apresentado dificuldade em interpretá-lo e/ou produzi-lo. O gosto, desta forma, estaria relacionado também à frequência com que lidam com este tipo de texto.

Diante do exposto, concluímos que o gênero poema pode ser escrito por qualquer pessoa que esteja inserida nessa sociedade, que conheça as características deste gênero. A escola pode ser considerada como um local para se aprender esses conteúdos sociais. São muitos gêneros a serem trabalhados durante o ano letivo e, talvez por isso, os alunos tenham dificuldades na produção de certos gêneros. Será que os gêneros deveriam ser

estudados com qualidade ou em quantidade? Sabemos que os professores cumprem, ou pelo menos tentam cumprir, o que a Secretaria de Educação exige, mas será que é possível em tão pouco tempo (5 aulas de 50 minutos cada por semana) ensinar tantos conteúdos?

Que esse questionamento instigue outros pesquisadores a estudar o assunto de forma a contribuir para a mudança do contexto escolar em relação ao ensino/aprendizado dos gêneros textuais em razão do tempo a eles destinado.

MOREIRA, Adriana Regina; MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. Os poemas e os alunos: um estudo do gênero em ambiente escolar. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 1, p. 77-92, nov. 2014.

### ***LOS POEMAS Y LOS ALUMNOS: un estudio del género en ambiente escolar***

#### **RESUMEN**

*El propósito de este artículo es presentar un estudio de cierre de curso por la vivencia con un grupo de estudiantes en el noveno año de la enseñanza primaria en una escuela pública en Diamantina-MG y que tuvo como objetivo principal la observación y la descripción problematizada de las prácticas escolares de lectura y escritura de poemas diversos de esta clase en particular. Buscamos verificar la forma cómo el género fue presentado y trabajado en el aula, que involucró actividades de lectura interpretativa, escritura y (re)producción de poemas de un tema sugerido, además de la observación de cómo el libro didáctico trataba del asunto. También investigamos sobre los posibles espacios de circulación y el acceso a este género artístico-literario por los estudiantes a partir de informaciones obtenidas a través de un cuestionario que apuntó para los usos, las funciones y prácticas del género movilizadas por el grupo.*

**Palabras clave:** *Poema. Género. Enseñanza.*

#### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLOOM, Harold. **Como e porque ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BORGATTO, Ana Maria Triconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Tudo é linguagem**. Ilustração de Faifi e Glair Alonso. São Paulo: Ática, 2010.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações,

1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos.** São Paulo: Ática, 2008.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Letramento e Oralidade no Contexto das Práticas Sociais e Eventos Comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org.) et el. **Investigando a relação oral/escrito e as Teorias do Letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SILVA, Andréia Catarina da; SANTOS, Roseane Moreira dos. **Relação professor aluno: uma reflexão dos problemas educacionais.** Belém: Universidade da Amazônia, 2002.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola. Reflexões comentários e dicas de atividades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e Ontogênicas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

*Recebido em 11 de junho de 2014.*

*Aprovado em 03 de julho de 2014.*